



A Associação dos Artistas da Churrutaria de A Comissão de 5/12/63

# Festas Nicolinas

## Pregão de S. Nicolau

Recitado em 5 de Dezembro de 1963 pelo Estudante do 7.º Ano do Liceu de Guimarães

António Luis Caldas de Antas de Barros

Um ano mais passou e um novo pregoeiro  
Vai-vos dizer em verso agora um novo Bando,  
Ninguém se mexa aí! silêncio, cavalheiro,  
Sob pena de prisão devido a contrabandos!

Nas calhas da tristeza a mocidade entrou,  
A mocidade de hoje a que ninguém ousou  
Tirar pelo caminho uma alegria só  
E a tristeza fugiu espavorida já!...

A vida é no princípio! Em vagalhões de luz  
A manhã veio logo após a madrugada.  
A vida é uma ideia forte que soduz  
Lembrando vinho rubro em taça cinzelada!...

Ó FESTAS NICOLINAS, festas do passado!  
Que vós sois do presente está-lo a demonstrar  
O som dos instrumentos seco e compassado  
Num barulho infernal e que abala o próprio ar!  
Que vós sois do futuro está nossa esperança  
Nos novos de amanhã, na pálida criança  
Que mal ainda sorri, dizendo-nos que sim,  
Não deixando-as morrer ainda os que virão  
As FESTAS NICOLINAS já mais terão fim.  
As FESTAS NICOLINAS nunca acabarão!

Evoco agora aqui os velhos nicolinos  
Que a morte já levou com rumo à Eternidade  
E vivem no Além ainda os seus destinos  
De santos e poetas... Velhos da saudade!  
Vós não estais ausentes que bem vos sentimos  
Por entre a multidão exótica e parada  
O vosso espírito é lá do Alto, lá dos Cimos  
Contudo veio à FESTA por vós tão bem amada

Bráulio Caldas ali está com a sua lira  
E mais Gaspar Roriz co'o todo iluminado!  
E o erudito Meira que Palas admira...  
Oh! meus senhores! Não estou alucinado  
Sampaio está conosco, o nosso bom Sampaio,  
O grande sonhador, olhai p'ra ele, olhai-o!  
Até Leão Martins não quis também faltar  
E o saudoso Delfim... o vate do luar.  
Ó velhos do além, que estranha sensação  
Ver-vos dar ainda vida à velha tradição!...

A ronda é de beleza e de beleza astral  
Estrelas deste Céu, ó damas que me ouvís,  
Deixai que até vós chegue um doce madrigal  
Que antigos menestres tocaram a matiz:  
«Ó belas castelãs, o amor já não demora  
Batendo-vos à porta, depressa ide-a abrir  
O «príncipe charmant» que em sonhos vos namora  
Cavalga para vós na senda do porvira.

Senhoras! Amanhã será o grande dia  
Em que ides receber o pomo de veludo  
O gesto é de respeito e fina cortezia...  
Estais, a ver, «Senhoras» como o gesto é tudo:  
Nele nada se omite e tudo fica dito  
O seu mutismo é de ouro, é de ouro e de infinito;  
Eloquente nele irá ficar expresso.  
Por vós o nosso amor, o nosso muito apreço  
Tomai nas vossas mãos esguias de patricias  
A dádiva de amor que encerra mil carícias!...  
Em troca vos pedimos, mais não é preciso  
Apenas um olhar, apenas um sorriso.

Modernas raparigas que por nós passais  
Constantemente assim tão existencialistas  
O vosso maior gosto, e só nisso pensais,  
É chamar a atenção, apenas dar nas vistas.  
Já deixastes por isso de usar bláton vermelho  
Para usardes azul, ó suprema loucura!  
Será que vós não tendes em casa um espelho  
Para verdes que andais numa triste figura?  
E as unhas pintais também da mesma cor  
Leoads de uma moda que cega e escraviza  
E já fumais cigarros com aquele impudor  
De uma lady qualquer nas margens do Tamisa.

Nas vossas cabecinhas senso não existe...  
Acaso sabeis vós como se dança o twist?  
Oh! Não, não o sabeis que a gente o adivinha  
E p'ra frente e p'ra trás, mas sem perder a linha.

E vós Circes do corte, vós costureirinhas  
Românticas pequenas de olhar magoado  
Deixai por um momento as tesouras e as linhas  
E vinde descansar um pouco ao nosso lado.

Num banco de jardim, entre folhas caídas  
Estaremos talvez... talvez mais à vontade  
Ali vereis passar as horas esquecidas,  
Que a vida não é sonho, mas sim realidade.

Nós temos um se'cedo lindo p'ra vos dar  
Vinde pois costureiras, não seiais esquivas  
No nosso coração tereis sempre um lugar  
Fazei-nos a vontade... sede compreensivas.

Quem disse que o Pinheiro ali ficava mal?  
Quem foi que preferiu tamanha aleivosia?  
Foi no Campo da Feira sempre o seu local...  
Pois é ali que o quer a Velha Academia,  
E ela, subam-no todos, ainda é soberana,  
Não admira afronta à tradição antiga,  
Má agora há-de estar ali uma semana  
E venha lá daí quem o contrário diga.

Ao ilustre Reitor e Mestres do Liceu  
A todos por igual a nossa saudação;  
O estudante vos deve tudo o que aprendeu,  
A vossa competência e muita compreensão.

Insignes pedagogos, fontes de saber  
Pelas quais a luz jorra em magistral lição  
Ensinai sempre mais, fazei os cegos ver  
Que só pela cultura é grande uma nação!

In memoriam dum PAPA extraordinário  
Duas palavras eu quero hoje dizer  
De Alguém que na Terra de Cristo foi Vigário  
E que pregar a Paz, foi todo o seu prazer

Sofreu a Humanidade irreparável dano  
Alguém que muito a amou e tanto bem lhe fez  
Morreu ainda há pouco lá no Vaticano  
Abençoando o Mundo pela última vez.

«Pacem in Terris», disse um dia ELE,  
E o mundo ouviu da paz o mais belo apanágio;  
Sua voz era leve qual brisa que impele  
Os barcos sobre o mar livrando-os do naufrágio.

JOÃO XXIII, o Papa Universal,  
O Papa do Concílio era todo bondade  
Por isso o mundo lembra hoje e no geral  
Com simpatia imensa e a mais funda saudade.

Mas deu-nos Deus a sorte de outro ser eleito  
Que vai continuar a OBRA começada,  
É Ele Paulo VI que tanto há já feito  
No rumo da mais nobre e fraternal CRUZADA.

Um grande pé de vento deu a volta ao mundo  
E pô-lo, vejam lá, apenas num segundo  
Num caos indiscriminável e espectacular;  
Primeiro foi Flora que se fez notar,  
Depois um tal Ginny... e aos tufoes naturais  
Juntaram-se os políticos, o que é pior  
E o vento começou e já não parou mais:  
Redemoinha, investe, lança-se ao redor  
E chega a toda a parte: Equador, Honduras...  
Guerra às Democracias, guerra às Ditaduras!  
Ainda entre a China e a Rússia o pé de vento é tal  
Que ouvem-se as comadres berrando ao temporal;  
Mesmo a Inglaterra precisa de um arrumo  
Desde que foi aquilo do caso Profumo  
E que na origem teve esse tufão Cristina  
(A tal dos banhos sem biquíni na piscina);  
Muitas vezes o vento sopra de tabela...  
Como naquele rapto da Venezuela...  
Lá no Saarã Francês então ouve aparato:  
O vento de deserto pôs no ar um gato:  
Youlu Fulbert, coitado, lá se apagou em Braza...  
E o vento já entrou na nossa própria casa.

Os preços tabelados sobem na tabela  
E mesmo os que não são lá seguem-lhe no encaixe  
A vida está difícil, cara que se pela...  
E o pobre ZÉ, coitado, está mesmo descalço.

O bacalhau fez greve lá na Terra Nova,  
Só há nacional e esse é com reserva;  
A sardinha então já nem sequer a prova  
Porque essa, estão a ver, é boa p'ra conserva.

A rica batatinha às vezes também falta...  
E o próprio pão de trigo agora é bem mais leve...  
Na praça a hortaliça também teve uma alta  
E o ZÉ está mais magro porque o ZÉ... só bebe.

Está mais magro, está, vêm-se-lhas costelas  
Numa situação igual à das mais falsas  
E anda esgotado, mal tem-se nas canelas  
— Aperta o cinto, ó ZÉ, não vão cair-te as calças!

Um novo e nobre vulto sobe ao tabelado  
Da cena camarária pela segunda vez  
E logo um optimismo forte e bem fundado  
Relembra quanto à terra outrora ELE já fez.

Benvindo seja quem assim faz seu regresso  
E traz credenciais do mais real valor  
E vai continuar a fase de progresso  
Da terra em que nasceu o REI CONQUISTADOR.

Sua obra está patente e já é bem visível  
Ora isto, vejam lá, ainda no princípio!  
Fazendo muito a tempo o que parecia incrível  
Mostrou como se gere logo um município.

Mostrou-o promovendo mais um festival  
Daquelles conhecidos por Gilvencinos  
Trazendo até nós, trazendo a Portugal  
Famoso pianista, artista dos mais finos.

Com um começo destes de elevado nível  
Revela-se depressa e logo se divisa  
Que vai usar p'ra tudo um processo infalível;  
E se outrora meteu água... a água era precisa.

O BERÇO DA NAÇÃO não deixa de embalar  
Sempre um anseio novo, uma nova esperança,  
Ficou-lhe um gesto tal, deveras singular,  
Dos tempos em que a Pátria era ainda uma criança.

O muito que se fez não é ainda nada  
E GUIMARAES quer mais, de olhos no futuro  
Quer ver na Penha em breve uma POUSSADA  
Que o seu hotel é velho e serve sem apuro.

E quer também p'ra lá bons meios de transporte  
Que à Penha já não falta mesmo gasolina;  
Precisam ir ver todos no seu belo suporte  
O busto ao inesquecível mestre Zé de Pina.

Cá em baixo quer ver, arranjado o seu parque  
E ainda um edifício novo p'ra os Correios  
Enfim quer ser ela uma cidade que marque  
Em todos os aspectos, por todos os meios.

Ó velho matadouro, estigma do passado  
Que estás tu a fazer há tanto tempo aí?!  
Tu és tal e qual um castelo assombrado,  
Pois que nos metes medo só de olhar p'ra ti.

Estátua a Gil Vicente, ó obra descejada  
Por tantas gerações caídas ao redor!  
Se é a primeira pedra acaso a mais pesada  
Somos nós, estudantes, quem a irá lá por.

Dessa toca estação ao cimo da AVENIDA,  
Indigna deste burgo e mais do seu lugar,  
Ninguém pode prever dali sua saída  
Porque a C. P. só quer, só pensa... a ferrolhar.

Um novo mercado aos Céus está pedindo a terra,  
Que o velho mete dó, verdade incontestada,  
Aquilo nem mercado é... é antes uma guerra,  
Ou então é mercado, mas... mercado persa.

Turista que é de ti?! Por onde tens andado?  
Ah! Sim... por todo o mundo excepto por aqui;  
Pois olha, só te digo, estás mal informado  
Que a culpa não é tua, a culpa é do S. N. I.

Tu és como o ceguinho que somente vai  
Para onde o encaminham... só depois vês tudo;  
E GUIMARAES é bela, GUIMARAES atraí!  
Oh! Vem turista, vem no teu passo mítido...!

Mas alto! Espera lá apenas um bocado  
Enquanto o teu hotel vai ser construído  
Nós queremos-te, por Deus aqui bem instalado  
Com todo aquele asseio por ti tão merecido.

Ó quase campeão, da taça finalista!  
Vitória! Que figura bonita você fez...!  
E quanto à TAÇA, amigo, teime, não desista  
Costuma-se a dizer: — Não há duas sem três.

Vitória! Mas então porquê essa tristeza?  
O Estádio estará pronto dentro do tal prazo,  
Querem relva? Há-de tê-la com toda a certeza  
Pois que eu já vejo alguém que vai tratar do caso.

A coisa foi falada, a coisa fez sucesso;  
Serviu algumas vezes 'té de mata-bicho...  
A cidade revela em tudo o seu progresso;  
Já nela deu entrada um camião de lixo

Mas, oh!... Sorte mesquinha! O lixo continua  
Atapetando as ruas, ainda as mais modernas;  
Almeidas duma figa! O que fazeis na rua?  
Varréis só concertiza as portas das tabernas.

De novo vos vestiram com belos macacos,  
Do mais bonito azul, porém todos iguais  
Autênticos palhaços!... A uns ficam uns sacos,  
A outros muito curtos... pequenos demais,  
Talvez para levar algum espectador  
Vítima de fatal e estranha comoção,  
O carro funerário, sempre atento à dor,  
Escolheu para poiso a porta do JORDÃO.

E é que mesmo não falha, nem pode falhar,  
Aquilo é mais que certo e mais do que sabido,  
Se acaso a gente aponta p'ra lá o nosso olhar  
De longe logo o vemos, lá 'stá ele caído.

Quem vier de fora e der pela incongruência  
De certo pensará e com certa razão  
Que a cidade não passa de uma grande AGENCIA  
E que somos uns mortos a pedir caixão.

Ó vós que bateis sola e moços que aos balões  
Vendeis só pura lá e chita da ordinária,  
Mantei-vos à distância e nada de ilusões  
Que está ainda em vigor a LEI ESTATUTÁRIA.

Aqui não mete bico gente não letrada  
Que a arte de zabumba requer preparação  
E muito cuidadinho... Uma maquetada  
As vezes é pior que um tiro de canhão.

A postos camaradas! Que está soando a hora  
Da mais dura batalha entre caixas e bombos;  
Cascai-lhes bem, com força, e sem qualquer demora  
Fazei-lhes já ao centro dois enormes rombos.

Avante, pois, avante, exército de Palas!  
Do mundo, ao fim e ao cabo, pouco ou nada reste  
E que ele penso até que com as tuas balas  
Sobre ele vai cair a Abóbada Celeste!

Dezembro de 1963

Autor: António Luis Caldas de Antas de Barros